

IN MEMORIAN

Dr. Prista Monteiro

JAIME PINA

No ano de 1994 vimos desaparecer do nosso convívio alguns dos nossos colegas de Especialidade e, entre eles, o Dr. Prista Monteiro, falecido em Lisboa, cidade que o viu nascer no ano de 1922. Desapareceu, assim, um dos mais notáveis médicos portugueses da actualidade, Homem de elevada estatura intelectual.

Fruto do nosso convívio diário ao longo dos últimos dez anos, pedi-me a Redacção da Revista Portuguesa de Pneumologia, que perpetuassem nas suas páginas, algumas palavras de homenagem a este ilustre colega de quem tive a honra de ser amigo.

Se o espaço onde se movia era Lisboa, Prista Monteiro tinha uma ligação telúrica a Tomar, cidade aonde, na segunda metade do século XVIII chegaram os seus ancestrais, provenientes da transalpina Bérnago. Era em Tomar onde, muitas vezes, ia buscar a serenidade e o reencontro com o mais profundo de si mesmo.

Segundo ele, duas mulheres marcaram definitivamente a sua vida: a mãe, de quem herdou muitas das características e dos conceitos que lhe permitiram não passar anonimamente pela vida, e a sua mulher, a Sr.^a Dr.^a Helena Eugénia Chagas Pinto, sua companheira de mais de quarenta anos de percurso e de quem se considerou devedor, relativamente a muito da obra literária que produziu.

A opção pela Medicina, cuja licenciatura obteve pela Faculdade de Medicina da Universidade

de Lisboa, em 1945, não foi isenta de conflitualidade, pois já então, a atracção pelo mundo das letras era importante. Esta dualidade entre o exercício duma actividade tão absorvente e precisa como é a Medicina e a actividade criadora e libertária da dramaturgia, marcou, de maneira indelével, os últimos trinta e cinco anos da sua vida.

Afastada a Psiquiatria, sua primeira ambição como actividade médica, foi na Cardiologia que atingiu maior distinção, ganhando prémios científicos e destaques na imprensa médica internacional. A esta especialidade ficaria para sempre ligado. Porém, é na especialidade de Pneumologia que chega aos lugares cimeiros da carreira médica hospitalar, sendo Director do Sanatório Rainha D. Amélia em 1972 e Director do Serviço de Pneumologia 4, do então recém-criado Hospital de Pulido Valente (1974). Mas mesmo no âmbito da sua actividade médica, o Homem das letras e do teatro esteve sempre presente, como em 1991, quando proferiu, no Palácio Foz, a inesquecível conferência "A Tuberculose e o Romantismo" acompanhada de leitura de poemas, temas musicais e excertos de peças de autores românticos atingidos pela tuberculose. Sem dúvida, um momento raro na história da Pneumologia Portuguesa.

Traduzindo uma constante procura de novos espaços e de novos conhecimentos, viajou intensamente, mesmo quando a doença aconselhava maior sedentarização. Nessas viagens, tinha a preocupação de levar os filhos, para os fazer contactar com novos povos, culturas e hábitos, transmitindo-

Recebido para publicação em 95.01.14

-lhes, assim, a irrequietude, uma das mais notórias características da sua intensa personalidade. Muitas dessas viagens tiveram como principal objectivo, não o turismo no seu sentido mais estreito, mas o contacto com as antigas culturas. E assim andou pelo Egipto, Palestina, Japão, México, Filipinas, Itália e Rússia, para citar, apenas, algumas das culturas que contactou.

Mas a sua grande paixão foi o teatro.

Influenciado — segundo ele próprio confessou — por Beckett e Ionesco, escreveu a sua primeira peça “Os Imortais” em 1959, integrando-se na corrente chamada de “Teatro do Absurdo”. Desde então e até à sua morte serão publicadas mais dezasseis peças teatrais — doze vezes premiadas — sete ensaios e alguns contos. Será, provavelmente, um dos dramaturgos portugueses mais vezes premiado.

Nas suas peças teatrais sobressaiem muitas das concepções, por vezes bem amargas, que tinha relativamente às coisas da vida. A sua peça mais premiada “O Mito”, abre com uma citação de La Rochefoucauld que exprimia a sua opinião sobre a amizade: *«Ce que les hommes ont nommé amitié n'est qu'une société qu'un ménage réciproque d'intérêts, et qu'un échange de bons offices; ce n'est enfin qu'un commerce ou l'amour-propre se propose toujours quelque chose à gagner.»*

Nos últimos anos, a sua ligação ao mundo do teatro passou a ocupar um espaço cada vez maior na sua vida e nos seus interesses. Surgiram, então, os seus maiores momentos de glória, vividos, como sempre, da forma mais intensa. Os aplausos à sua pessoa, como autor da peça “A Caixa” — que o cineasta Manuel de Oliveira adaptou ao

cinema — vividos no Festival de Cannes em 1994, foram os aplausos a uma vida, na véspera desta se extinguir e traduziram o reconhecimento internacional desta ímpar personalidade artística.

O entusiasmo que trouxe de Cannes era soberbo e, apesar do seu estado de saúde ser cada vez mais instável, os projectos fervilhavam, qual tábua de salvação a que se agarrasse para prolongar uma vida que ele sabia não poder ser muito mais longa.

Homem apaixonado, dotado de grande sensibilidade, inteligência brilhante e profunda cultura humanista, foi acima de tudo um guerreiro contra os lugares comuns, contra a mediania e contra os preconceitos. A sua personalidade extrovertida atingia paroxismos quando era confrontado com a hipocrisia ou com a falsidade, com as quais sempre se recusou a pactuar. Era sobretudo um Homem vertical.

Conversador emérito, com uma invulgar capacidade dialéctica, utilizava todas as conversas como exercícios que abriam, a ele e aos seus interlocutores, novas portas que mostravam novas perspectivas, novas maneiras de ver, enfim, novos caminhos. Ter à sua volta uma plateia de ouvintes era, seguramente, um dos seus maiores prazeres, e raramente os desiludia, pois, as suas “histórias”, as suas opiniões, as suas maneiras de ver as coisas da vida, por vezes bem originais, quase sempre serviam para sairmos mais enriquecidos dessas conversas.

O nosso País, as Letras e a Medicina portuguesa perderam um dos seus mais ilustres valores. Mas o Dr. Prista Monteiro perdurará para sempre nos livros que escreveu, nos familiares e nos amigos que o amaram e em todos aqueles a quem tocou com o seu sopro de Homem invulgar.